

07-10-2022

O QUINTAL DE ROSA

Ricardo Fernandes Gonçalves

[Doutor em Geografia. Prof. Univ. Est. Goiás. Pesquisador do Grupo PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade]

Rosa era uma mulher da roça mineira. Suas prendas eram tão simples quanto o seu rosto, seus cabelos brancos, suas mãos calosas, seus pés descalços e suas roupas de algodão. Rosa não aprendeu a ler, mas escrevia o nome com letras miúdas. Conta-se que ela e os irmãos escreviam com letras torneadas, como se todos tivessem aprendido a mesma forma do nome. Por não saber ler, dizia que apenas desenhava. Sua portentosa inteligência era admirada quando relatava o dia e ano de aniversário de todos os irmãos e sobrinhos.

No seu rosto estendia-se a expressão da simplicidade e da generosidade de uma mulher guardiã de tempos ancestrais da cultura sertaneja. As rezas antigas que aprendeu com a avó benzedeira eram entoadas todas as noites e manhãs.

Nos tempos de trovoadas cantarolava com os irmãos a oração de Santa Bárbara para abrandar as chuvaradas.

Essa simples mulher era conhecedora das árvores do Cerrado que circundavam sua casa de adobes, telhas, portas e janelas artesanais. Contudo, no lugar desta laboriosa filha do sertão havia algo singular, o seu quintal. O quintal era um documento do mundo rural.

Esse era um território plural com distintos significados por sua afinidade com a cultura e o trabalho camponeses no sertão mineiro.

O quintal de Rosa era o território da diversidade.

Nele havia árvores frutíferas, plantas medicinais, moitas de cana caiana de colmos arroxeados, bananeiras, flores sempre-lustrosas, rosas dália amarelas e vermelhas, nascentes e um rego d'água com uma bica perene, mesmo nos meses severos de seca.

As imensas mangueiras, goiabeiras, abacateiros, laranjeiras, cajueiros, coqueiros e bananeiras se multiplicavam de um lado e outro do terreiro e do rego d'água. No período frutífero das laranjeiras, o quintal era o terreno da alegria das crianças, dos vizinhos e dos pássaros. Os sabiás, guaxes, tucanos, periquitos e juritis faziam revoadas diárias imiscuídos entre as folhagens e frutos.

As laranjas se multiplicavam nos galhos escorados com varas de bambu ou se arrastavam no chão vermelho e fértil. As frutas eram as dádivas naturais coletadas por todos. A abundância de plantas, água, animais e pássaros sintetizava um mundo de cores, cheiros e sabores.

A poucos passos do terreiro era possível coletar erva-cidreira, hortelã, mentrasto, boldo, erva santa maria, erva doce e folhas de canela. Ou nos meses de junho e julho colher os grãos de café que eram secados, pilados, torrados e moídos por Rosa. No seu terreiro extenso e limpo diariamente estendiam-se os grãos de café, mamona e raízes de açafraão recolhidos do imenso quintal.

A diversidade do quintal de Rosa era a antítese das monoculturas transgênicas que se expandem nos territórios do Cerrado. Apropriado pelo modelo econômico predatório territorializado na agricultura, na mineração e no turismo, o Cerrado está cindido pelos desmatamentos, usos de agrotóxicos, erosão dos solos, envenenamento dos rios e das águas subterrâneas. Os bens comuns do Cerrado tornaram uma das principais fontes de potenciais lucros das corporações internacionais. Por isso, o capital extrativo global alarga as fronteiras de cercamento e de transformação de frutos, águas, solos, matas e minérios em mercadorias. Contra esse modelo, o quintal de Rosa era o território do cuidado e do trabalho cotidiano. Todos os dias, antes do sol desabrochar as manhãs do sertão, esta laboriosa mulher levantava, preparava o café na fornalha a lenha e iniciava sua lida diária. Seu cotidiano de trabalho não ultrapassava as cercas de seu quintal. Suas tarefas habituais envolviam o trato dos animais domésticos, o cuidado com as plantas, a irrigação das flores e a limpeza minuciosa do terreiro.

Rosa gostava de plantar.

Suas mãos tocavam a terra para multiplicar as sementes de feijão e milho nos meses de setembro e outubro, quando iniciavam as primeiras chuvas. Do paiol, localizado na entrada principal do quintal, ela e os irmãos armazenavam as espigas de milho, as abóboras coletadas para alimentar os porcos, o pilão de arroz e café, as lenhas da fornalha, os tachos de cobre, as rodas de fiar algodão, os sacos de arroz e de feijão. Cuidar do terreiro que rodeava toda a casa requisitava uma atenção amiúde e esmerada. Com seus braços pequeninos agarrados em vassouras de palhas, varria esse espaço do quintal com devoção. No chão pisado do terreiro, havia muitas histórias da avó, do pai, da mãe e dos irmãos trabalhadores rurais. Abrigava lembranças ancestrais. Na casa camponesa a cozinha e a sala se estendiam de encontro ao terreiro. Era nele que as crianças brincavam, as visitas se aproximavam da casa e os trabalhadores estendiam os forros de sacos emendados para a secagem de grãos de arroz, feijão e café. Era um lugar com sentido prático e coletivo no interior do quintal.

Nele, durante as noites, os camponeses se reuniam para admirar as estrelas e a lua que medrava seu brilho e despertava o deslumbramento espontâneo diante daquela beleza incompreendida e infinita. O fato do quintal de Rosa ser o território do cuidado cotidiano contrapõe à lógica do consumo, dos barulhos intrépidos de carros, da exploração do trabalho, da subjetivação neoliberal, das relações feridas e narcísicas que vicejam nas metrópoles.

continua

Difere do mundo de fluxos rápidos, babel de imagens e palavras, sirenes de ambulâncias, trabalhadores acidentados e adoecidos em troca de baixos salários, crianças fechadas em condomínios e apartamentos, medos de violência policial, arranha-céus à base de aço e concreto, pessoas sem casa e sem comida nas ruas e praças.

.....
O quintal de Rosa era o território da sabedoria camponesa.

Rosa foi uma mulher que aprendeu a fazer tudo o que tornava possível a reprodução da existência no sertão. Ainda pequenina aprendeu com a avó e a mãe como preparar o sabão de coco ou de abacate que era armazenado para o uso no decorrer de todo um ano. Ela mesma arrancava, limpava, cortava, secava, moía e preparava o açafraão para o uso da família. Plantava e colhia o algodão que ela fiava com maestria e paciência. Também com zelo sabia fazer o azeite de mamona coletada no quintal. Sua sabedoria camponesa lhe permitia detalhar como preparava o azeite de mamona sugerido para aplicar nas feridas. Primeiro, coletava os cachos de mamona e punha no terreiro para secar exposto ao sol; depois abanava nas peneiras feitas de bambu; torrava os grãos da mamona na fornalha a lenha; esmagava no pilão, ferventava a massa e, finalmente, apurava o azeite. Rosa conhecia a origem de tudo o que ela comia e bebia. Vendia apenas o que sobrava e ganhava quantias miúdas de dinheiro até que se aposentou. Rosa e seu quintal não existem mais. Viveu quase oitenta anos entre plantas, frutos, ervas medicinais, flores, animais e pássaros. Para essa mulher camponesa do Cerrado mineiro, o quintal era a expressão de seu rosto e de sua vida simples.

O jorro de sua existência generosa representou o sertão inteiro.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.